



Por uma ontologia do presente na educação brasileira

For an ontology of the present in Brazilian education

Vicente Thiago Freire Brazil¹

Professor Assistente da UECE, <https://orcid.org/0000-0003-0830-6349>,

vicente.brazil@uece.br

Resumo

A análise do complexo contexto político-educacional que se implementa no Brasil contemporâneo é o objetivo geral do presente artigo, o qual pretende ainda demonstrar a importância de importantes questões as quais estão todas imbricadas num só feixe central de problemas que derivam da atual realidade histórica. Estas são algumas destas inquietações: O que nos faz ser o que somos hoje? O que nos faz pensar como o fazemos na atualidade? Porque assumimos, hoje, determinados discursos coletivamente constituídos como pessoalmente nossos? A partir do conjunto de obras de Michel Foucault que abordam a ética – como cuidado de si – e a política – como governo dos outros –, realizar-se-á uma investigação arqueogenealógica com o intuito de discutir as possibilidades que dispomos, no campo educacional, para constituirmo-nos como sujeitos livres, criativos e autônomos, ante o maquinário de vigilância, poder e dessubjetivação que se nos impõe na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: Educação. Ontologia do presente. Foucault.

Abstract

The analysis of the complex political-educational context that is being implemented in contemporary Brazil is the general objective of this article, which also intends to demonstrate the importance of important issues which are all interwoven into a single central bundle of problems that derive from the current historical reality. These are some of these concerns: What makes us what we are today? What makes us think how we do it today? Why do we assume, today, certain speeches collectively constituted as personally ours? Based on the set of works by Michel Foucault that address ethics - how to care for oneself - and politics - as the government of others - an archeogenealogical investigation will be carried out in order to discuss the possibilities we have, in the educational field to establish ourselves as free, creative and autonomous subjects, in the face of the surveillance, power and desubjectivation machinery that is imposed on us in contemporary society.

Keywords: Education; Ontology of the present; Foucault.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, onde também cursou graduação e mestrado em Filosofia. É Professor Assistente da UECE e Professor do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia - CMAF - da UECE. Realizou estágio Pós-doutoral no PPGLERAS - UFC. Membro do GT Filosofia Antiga da ANPOF.



1 Introdução

Diante da ambiência política, social e econômica contemporânea, a qual marcadamente vem apresentando-se por meio de uma perspectiva cada vez mais reacionária, urge a construção de processos reflexivos que denunciem práticas de abuso, dominação e intolerância em todos os campos da presente sociabilidade.

Quando a educação começa a ser aparelhada, com a finalidade de servilmente postar-se como estrado das opressões e violências dos poderes – assumida ou dissimuladamente – totalitários que se constituem de modo institucional e legal, isto torna-se muito temerário. Como exemplo deste contexto cada vez mais obscurantista que se estabelece na sociedade brasileira contemporânea, pode-se citar as arbitrarias e não-justificadas alterações no texto final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) para o Ensino Infantil e Fundamental.

Todo um conjunto de discussões sobre as questões relativas a abordagem da temática da construção e reconhecimento de gênero na sociedade e no ambiente escolar – presentes no texto da BNCC até a sua segunda versão preliminar – foi injustificadamente suprimido da versão final do documento que de modo oficial orientará o currículo nacional da educação brasileira.

A presente investigação das formas e usos do poder – em suas mais variadas aplicabilidades, será feita através do uso do ferramental teórico dos denominados filósofos da diferença, dentre outros, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Judith Bluter, Paul B. Preciado. Diante do vasto universo investigativo que se impõe, em virtude da amplitude de abordagens possíveis para cada uma destas perguntas, bem como em razão das estratégias específicas de cada um destes pensadores, faz-se necessário o estabelecimento de um recorte bibliográfico-conceitual.

2 Metodologia

A pesquisa fundamenta-se em materiais bibliográficos, no entanto, a característica predominante desse trabalho, baseia-se na exploração de livros e periódicos elaborados historicamente que correspondem a saberes que possibilitam responder a problemática deste trabalho. É de suma relevância ressaltar que os dados das fontes



citadas não sobrepõe-se a própria pesquisa, visto que as informações levantadas fomentam o surgimento de novos argumentos aliados às teorias já existentes.

Para subsidiar a pesquisa em desenvolvimento, foram feitas leituras de materiais de metodologia científica para lidar de forma coerente com relação à estrutura dos processos de análise de dados bibliográficos e documentais, considerando os autores mais relevantes nos campos de investigação. A pesquisa foi construída com embasamento bibliográfico, estruturando-se a partir de leituras de livros e artigos científicos, tanto clássicos, quanto os pesquisadores contemporâneos a respeito da temática em discussão. Os autores selecionados para construção e fundamentação das afirmativas descritas e resultados obtidos a partir da pesquisa acerca do conceito de ontologia do presente foram DELEUZE, G. & GUATTARI (2004), FOUCAULT (2000; 2004; 2010; 2012; 2013; 2015).

3 Resultados e Discussão

A compreensão da história da humanidade, e por que não dizer também, a maneira pela qual foi assimilada a própria história da filosofia ao longo dos séculos, está fundamentalmente associada a concepção de um *télos*, isto é, de uma finalidade que atravessaria todo o pensamento ocidental numa espécie de esforço de manifestação das estruturas essenciais da realidade.

Tal paradigma de empreendimento investigativo vincula-se a uma tradicional concepção histórico-filosófica específica, segundo a qual seria possível revelar os fundamentos universais, e necessários, para a constituição de um conhecimento verdadeiro da totalidade do real e, por isso mesmo, do próprio homem.

Apela-se assim a um conjunto de argumentos, metafísica e transcendentalmente articulados, para explicar-se a realidade, bem como o homem e tudo aquilo que é próprio do humano. O resultado aspirado por uma tal empresa filosófica seria o acesso a um tipo de conhecimento de natureza inquestionável.

Perguntas, tais como, *O que é o mundo?*, *O que é a liberdade?*, *O que é a alma?*, *Como pode-se conhecer o mundo?*, *Quais os fundamentos de nosso conhecimento?*, são as questões centrais que mobilizam o fazer filosófico conforme tal concepção convencional e tradicional da história da filosofia.



É exatamente na contramão deste modelo de desenvolvimento do pensamento filosófico – bem como de sua própria história –, que se configura como uma assimilação de seus acontecimentos envoltos a um ideal de universalidade, verdades idealizadas e absolutas, que Michel Foucault dirige uma importante parte de sua pesquisa filosófica, especialmente a partir dos anos de 1980, por meio de seus cursos, entrevistas e livros.

No sentido oposto a todo um fluxo que se estabeleceu tradicionalmente na história da filosofia – e na senda aberta por pensadores como Nietzsche e Max Weber, mas também de outros filósofos da tradição antiga e moderna relidos a partir de outras categorias epistêmicas tais como Kant e Platão – Foucault propõe-se a investigar o presente (FOUCAULT, 2004; 2005). Elege assim, a atualidade como a temática fortemente fecunda em sua obra filosófica.

Uma ressalva faz-se necessária. O filósofo francês não se concentra na tarefa de “superar” a modernidade – responsável por uma forma de pensar que ele critica, pois tal atividade tornar-se-ia limitada a uma série de estratégias de identificação de épocas “pré” ou “pós-modernas” –, mas empenha-se em produzir um exame sobre: “... como a atitude de modernidade, desde que se formou, pôs-se em luta com as atitudes de ‘contramodernidade’.” (FOUCAULT, 2008, p. 342).

Foucault é bastante claro ao defender a necessidade de superar toda e qualquer “chantagem” quanto a necessidade imperiosa de vincular-se ou desvincular-se de determinadas estruturas teóricas vigentes; como se a existência, ou o desdobrar do pensamento humano, fosse uma espécie de mecanismo binário de *input/output*, e por isso pensar sempre seria, na verdade, um processo de adesão ou rejeição ao já constituído historicamente.

É, de acordo com as seguintes palavras, que Foucault defende este novo polo de análise dos estudos das ciências humanas:

Porém acredito que a atividade filosófica concebeu um novo polo, e que esse polo se caracteriza pela questão, permanente e perpetuamente renovada: “O que somos hoje?” Este é, a meu ver o campo de reflexão histórica sobre nós mesmos. Kant, Fichte, Hegel, Nietzsche, Max Weber, Husserl, Heidegger e a Escola de Frankfurt tentaram responder a essa questão. Inscrevendo-me nessa tradição, meu objetivo é trazer respostas muito parciais e provisórias a essa questão através da história do pensamento ou, mais precisamente, através da análise histórica das relações entre nossas reflexões e nossas práticas na sociedade ocidental. (FOUCAULT, 2004, p. 301)



Para o filósofo francês – de modo mais preciso em 1983 na primeira aula de seu curso *O governo de si e dos outros*, em citações inicialmente esporádicas e pouco problematizadas, que ao longo das aulas vão ganhando complexidade e relevância – a filosofia deve comprometer-se com a investigação de uma “ontologia do presente”, isto é:

... existe, no interior da filosofia moderna e contemporânea, outro tipo de questão, outro modo de interrogação categórica: a que vemos nascer justamente na questão da *Aufklärung* ou no texto sobre a Revolução. Essa outra tradição crítica não coloca a questão das condições em que um conhecimento verdadeiro é possível, é uma tradição que coloca a questão de: o que é a atualidade? Qual é o campo atual das nossas experiências? Qual é o campo atual das experiências possíveis? Não se trata, nesse caso, de uma analítica da verdade. Tratar-se-ia do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia da modernidade, uma ontologia de nós mesmos. (FOUCAULT, 2011, p. 21)

Como demonstrará ao longo do citado curso ministrado em 1983, Foucault (2011, p. 12) compreende que a filosofia moderna instaurou, porém não problematizou, o tema da “atualidade”, do “presente” como um problema filosófico. Seu empreendimento investigativo concentrar-se-á então no tratamento dessa relevante, mas esquecida, questão filosófica, por entendê-la como imprescindível para compreensão do próprio humano.

Dito de outra forma, por meio da análise da atualidade como um esforço de apresentação de um diagnóstico preciso do presente, daquilo que num aparente, mas superável paradoxo, Foucault denominou de *a priori histórico* (FOUCAULT, 2008, p. 144), pode-se chegar a identificação dos mecanismos de produção das subjetividades na contemporaneidade.

Como o próprio autor afirmará, foi sua relação com o pensamento nietzschiano que o levou a comprometer-se com a investigação do presente, pois para ele, conforme registra Castro em seu *Vocabulário de Foucault*:

Que o que eu faço tenha algo a ver com a filosofia é muito possível, sobretudo na medida em que, pelo menos depois de Nietzsche, a filosofia tem por tarefa diagnosticar e não tratar mais de dizer uma verdade que possa valer para todos e para todos os tempos. Eu trato de diagnosticar, de realizar um diagnóstico do presente: dizer o que nós somos hoje e o que significa, hoje, dizer o que somos. Esse trabalho de escavação debaixo de nossos pés caracteriza desde Nietzsche o pensamento contemporâneo. Nesse sentido, posso declarar-me filósofo. (CASTRO, 2009, 306)



A partir da pesquisa sobre o hoje, sobre como o nosso presente compõe-se e como ele estabelece-se, pode-se verificar os condicionamentos que nos levaram a tornarmos-nos o que somos agora, assim como entender o que estão, e estamos, fazendo de nós hoje. Transita-se assim entre uma ontologia do presente e uma história de nós mesmos.

Migra-se com facilidade de uma discussão sobre a atual ambiência histórica – extremamente dinâmica e multifacetada – para um debate tanto sobre as modalidades de subjetivação como os instrumentos de assujeitamento – isto é, para um procedimento investigativo sobre as maneiras-fronteiriças de tornar-se o que já se é, na sociedade contemporânea – como para os limites marginais das subjetividades que se formam e se criam para além das padronizações e normalizações vigentes.

Trata-se, desta forma, de interrogar sobre como os sujeitos constituem-se no feixe de fatos da história², compreendendo a postura crítica como uma tarefa continuamente experimental de problematizar as relações entre os mecanismos de governo de conduta dos outros e das técnicas de produção si estabelecidas na contemporaneidade.

Existem algumas consequências diretas e inevitáveis da assimilação do projeto foucaulteano de filosofia. Uma delas, talvez a mais contundente para toda a tradição, de maneira especial a moderna, é o abandono da busca por respostas universalizantes e aprióricas.

As respostas que brotam da opção investigativa assumida por Foucault são todas locais, pontuais, estruturalmente parciais e envoltas numa dinamicidade insuperável. Estas outras respostas adequam-se à categorização da “história-devir”, do “sendo da história”.

Desta forma, projetos filosóficos com pretensões globalizantes, cujas repostas tenham um caráter totalizante do real ou do conhecimento, sem qualquer preocupação para com a relevância das singularidades de cada contexto ou das ipseidades dos sujeitos, são apontados como temerários e potencialmente perigosos em virtude de sua natureza homogeneizadora tanto do real quanto do todo social.

² A analogia deleuze-guattariniana da diferenciação entre os modelos arborescentes e rizomáticos de construção do conhecimento (DELEUZE e GUATTARI, 2000) é muito válida para corroborar a alternativa foucaultiana de investigação e análise da sociedade.



A busca insistente por uma natureza que determinasse/diferenciasse aquilo que é o humano, tão cara a quase que a totalidade dos modernos, dá lugar a uma investigação arque-genealógica das tecnologias de saber e poder que atuam sobre a construção daquilo que os indivíduos são em seus mais variados contextos e ambiente atualizados.

Nas palavras de Castro, pode-se dizer que:

A arqueologia quer, com efeito, libertar-se da filosofia da história e das questões que essa coloca: a racionalidade e a teleologia do devir, a possibilidade de descobrir o sentido latente no passado ou na totalidade inacabada do presente (AS, 20). A totalidade e à continuidade da filosofia da história, Foucault opõe a descontinuidade e a dispersão. Para isso, forjará conceitos como enunciado, prática discursiva, episteme, etc. (CASTRO, p. 305 2009)

Outro produto da adesão à estratégia de pesquisa construída por Foucault é a necessidade de reconhecimento de que o conhecimento filosófico é limitado e circunscrito a um momento histórico específico. Assim, toda e qualquer ambição epistemológica de apreensão última das estruturas do real ou de compreensão exaustiva daquilo que a humanidade é, assim como de suas características universais, devem ser suspensas e superadas.

Assumir tal pressuposto significar ir de encontro a alguns dos corolários mais canônicos do saber filosófico constituído desde a antiguidade, e que foram amplamente reforçados durante a modernidade, tais como: o estabelecimento de verdades simples e indubitáveis; a capacidade absoluta de conhecimento e descrição da realidade de maneira objetiva e invariável; o acesso uma pretensa natureza humana, etc.

As inabaláveis certezas da humanidade, supostamente apresentadas pela modernidade, são substituídas pela convicção da possibilidade de posse apenas de uma existência fugidia, de um conhecimento débil. Não há o que “descobrir” sobre a humanidade – uma vez que até mesmo esta não passa de uma definição abstrata que diz respeito aos indivíduos concretos –, não existe uma essência profundamente arraigada abaixo de toda a multiplicidade histórica, em que se manifeste uma hipotética natureza humana compartilhada de modo universal.

Daí emerge a viabilidade e a razoabilidade do projeto foucaulteano de investigação, por meio do qual não se propõem descobertas de “achados” metafísicos, ou



de supostas causas originais da humanidade, mas antes, estabelece-se um esforço para exame dos elementos da atualidade que propiciam a cada indivíduo o aparato suficiente para que, de maneira autobiográfica, cada um possa inventar-se a si mesmo de modo indefinido e por tempo indeterminado.

Diante dessa alternativa especulativa de desenvolver-se a análise sobre a sociedade e os sujeitos, afirma-nos Foucault que:

... o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um *êthos* filosófico que seria possível de caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico. (FOUCAULT, 2008, p. 345)

Desta forma, tomando o célebre texto de Kant – “*Was ist Aufklärung?*” de 1784 – como partida, e elegendo a *Aufklärung* como temática em destaque, Foucault empreende uma investigação sobre os elementos que devem ser causa da crítica e da criação constante de cada um de nós na atualidade.

No esforço de compreensão deste *êthos* filosófico que emerge a partir da ponderação constante daquilo que falamos, criamos e fazemos, em suma, daquilo que somos, o pensador francês propõe um esforço investigativo em direção às formas de ultrapassagem possíveis.

Por isso, pode-se pensar as crises que a sociedade contemporânea enfrenta, nos seus mais variados campos, a partir de categorias foucaultianas. Tal escolha metodológica proporcionar-nos-á outros olhares, e assim, outras respostas.

O colapso do modelo tradicional de família ante as multiplicidades de relações parentais que se estabelecem na atualidade; o exaurimento do paradigma de democracia representativa e a paradoxal apatia política de grande parte da população; os limites das construções identitárias convencionais ante o estabelecimento de novas performances subjetivas etc., todas estas questões candentes de nosso tempo são revistas a partir de ponderações distintas.

A educação, por sua vez, em razão de sua relevância para a autonomia humana, também pode ser analisada a partir desse *êthos* filosófico centrado na atualidade proposto por Foucault. Desta maneira, seria possível a investigação do campo educacional através do questionamento sobre o atual estado de coisas.



Sobre a urgência de uma ontologia do presente que examine os processos educacionais contemporâneos, defende Paiva:

No contexto descrito, haveria espaço para uma ‘ontologia’? Tal a atualidade de nosso tema. Tal a aposta de que uma nova ética possa engendrar outra educação como Estética de Si, como elaboração de um novo ascetismo e de resistência a todas as formas de objetivação do sujeito, articulando dimensão micropolítica das relações educacionais a dimensões políticas de ação de sujeitos livres. (PAIVA, 2014, p.79)

Ora, uma vez assumidos os pressupostos foucaultianos para a construção de uma narrativa sobre como tornamo-nos o que somos, o universo educacional constitui-se um espaço fértil para pesquisas, análises e propostas de intervenção.

Desta maneira, propor uma ontologia do presente, na qual, por meio de outros paradigmas educacionais, seja possível constituir formas-limites daquilo que somos e, ao mesmo tempo, denunciar os processos de assujeitamento a que, de modo constante, somos submetidos coercitiva e coletivamente, torna-se uma tarefa urgente e de máxima relevância.

A denúncia da instrumentalização da educação com fins a repressão das subjetividades alternativas, não-padrões com relação à atual sociedade, passa por uma análise incansável dos instrumentos e das estratégias de monitorização dos sujeitos.

Por exemplo, de que modo os documentos oficiais que orientam os currículos da educação básica – como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – estão a serviço de uma determinada mentalidade ou modelo social centrado em dados e resultados, ou seja, aspectos quantitativos?

Tratando a BNCC, na sua concepção geral, como uma questão atualíssima da educação brasileira, pode-se fazer algumas indagações fundamentais com relação aos conceitos e definições que balizam a mesma. A concepção geral da BNCC, segundo a qual sua finalidade precípua, é servir como:

[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar [...]. (BRASIL, 2018, p. 7)



A proposição de uma educação que seja campo de autoconstrução, de uma ontologia do agora, do hoje, que reorienta as ações em busca de um cuidado de si, para uma estética do sujeito, é uma das opções viáveis para o enfrentamento dos instrumentos das micropolíticas de dominação que de maneira onipresente buscam controlar os sujeitos na atualidade.

4 Considerações Finais

Somente um espaço educativo crítico, no sentido foucaulteano aqui discutido, poderá colaborar para o aparecimento de subjetividades que enfrentem ao limite as estruturas de objetivação da sociedade contemporânea as quais, paradoxalmente, operam com liberdade em muito modelos de adestramento pessoal que se definem como educação.

O que a educação está fazendo de nós hoje? Como a educação tornou-se o que é atualmente? O que é educação hoje? Estas são perguntas importantíssimas que exigem respostas neste tempo presente, hoje, agora.

Referências

BUTLER, Judith. **Inversões sexuais**. In: PASSOS, Izabel C. P. (Org.). Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-108.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. I. Tradução de Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. III. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A tecnologia política dos indivíduos**. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). Ditos e escritos: ética, sexualidade, política. Vol 5. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.



FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Governo de si e dos outros: curso dado no Collège de France (1982-1983)**. Edição estabelecida por Frédéric Gros. Direção: François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Educaro Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O que são as Luzes?** In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). Ditos e escritos: ética, sexualidade, política. Vol 2. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O retorno da moral**. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). Ditos e escritos: ética, sexualidade, política. Vol 5. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PAIVA, Jair Miranda de. Esquema para una ontología de la educación como ontología del presente. *Sophia*, v. 17, p. 77-100, 2014.